

ATELIÊ DE DESENHO NO PIBID: EXPERIÊNCIA, ADAPTAÇÃO E FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM ARTES VISUAIS

Autores: Ana Iza Lopes da Silva[1], Ryan Carlos Barros de Souza[2], Fábio José Rodrigues da Costa[3], Jéssica Sinara da Silva Bezerra[4]. E-mail: Iza.silva@urca.br

Instituições: [1'2'3'4] Universidade Regional do Cariri – Crato/CE, Brasil.

RESUMO

O Subprojeto Artes Visuais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) possibilita ao licenciando vivenciar o ambiente escolar, o processo de ensinoaprendizagem e as adversidades da docência, o que é fundamental para a formação inicial em Artes Visuais. Nesse contexto, surgiu o ateliê de desenho, no qual ministramos aulas. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência do ateliê, cuja proposta é que os alunos possam expressar sua visão de mundo e suas opiniões por meio da experimentação de materiais e técnicas de desenho. Ao proporcionar um espaço voltado à produção artística, principalmente para jovens do ensino fundamental, buscamos intensificar o consumo de arte e apresentá-los à possibilidade de serem eles próprios artistas, mesclando produções regionais e técnicas de desenho para que entendam, produzam e consumam arte. Trata-se de um relato da experiência com turmas multisseriadas de alunos do 6o ao 9o ano. Durante o PIBID, uma das bolsistas vivenciou quatro mudanças de escola, por diversos motivos, o que prejudicou o andamento do programa no início do ano de 2026, enquanto o outro bolsista iniciou suas atividades na escola atual, Antônio Ferreira de Melo. Durante o período entre abril e outubro, tempo de duração do ateliê, os desafios também estimularam a criatividade: sem espaço dedicado exclusivamente ao ateliê, aproveitamos o que o entorno oferece; diante da evasão de alunos ao longo do percurso, nos adaptamos, buscando manter uma média de participantes. Ao iniciar o 2° semestre, uma queda expressiva de alunos ocorreu, e para contornar essa situação, visitamos novamente as salas de aula ofertando novas vagas do ateliê e assim poder proporcionar o programa para o maior número de jovens possível. A rotatividade de escolas e supervisores vivida por uma de nós mostrou que nem tudo ocorre como esperado. Cada escola, turma e aluno é diferente, com desafios inesperados e novos aprendizados, o que torna a prática de ensino mais fascinante. Ao planejar o ateliê, os objetivos e o conteúdo, e ao ter contato com os alunos, iniciamos nosso aprendizado prático e passamos a ter noção do que é ensinar na realidade: o manejo do interesse dos alunos, a administração de imprevistos e a mediação do conteúdo foram postos à prova. Os alunos que chegaram mais tímidos e retraídos desenvolveram, ao longo das aulas, um olhar mais amplo sobre materialidades, produção e exposição artística e a noção do valor de sua expressividade. O programa mostrou que ser professor é mais do que ensinar a partir de um livro didático: é adaptar-se, envolver-se e transformar o mundo por meio da educação. Para a formação inicial, a experiência ensinou a lidar com imprevistos; para a escola e os alunos, ampliou o contato com a produção artística; e para o PIBID, evidencia seu caráter transformador. A continuidade do programa possibilitaria manter os avanços conquistados e



ousar em projetos ainda maiores, ampliando horizontes desses alunos, seus potenciais e suas experiências educativas.

Palavras-chave: PIBID; Artes Visuais; Ensino de desenho; Formação docente; Prática pedagógica.